

Crescer, intervir, comunicar

Growing, intervening, communicating

Editorial

JOÃO PAULO QUEIROZ*

*Portugal, par académico interno e editor da Revista Croma.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA). Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058, Lisboa, Portugal. E-mail: joao.queiroz@fba.ul.pt

Como é característica fundadora do projeto CSO – criadores sobre outras obras – os artistas são aqui convidados a comunicar o seu conhecimento sobre outros artistas, dentro de um descentramento que toma os idiomas ibéricos como uma plataforma territorial de emergência, e de resistência, também. É uma área cultural periférica, alternativa, que se afirma em crescente grandeza.

Dentro deste dispositivo comunicativo, a revista CROMA delimita mais ainda o seu tema, nos artistas que de algum modo fazem incorporar a implicação social, a interação e a criação e formação de novos públicos como um dos componentes estruturantes da sua obra. Surgem na CROMA obras intervenientes, que provocam, e que convocam, que estabelecem pontes, ou que as ameacem. São obras em que a componente relacional (Bourriaud, 1998) ou formativa e integradora (Freire, 1975) assumem uma atualidade constante e renovada.

O texto “Andamios de cristal de Flippy” de Olegario Martín & Bartolomé Palazón (Espanha, Sevilha) inspirou a nossa capa, da dupla de escultores Flippy (Ismael Cerezo & Javier Borgoños): uma árvore, com os seus milhares de ramos, em aço *corten*, e os seus grandes frutos de vidro soprado, vermelhos, amarelos, laranjas, limões. A arte abre os seus braços e dá-se com alegria, enraíza-se e cresce.

José Manuel Vidal (Espanha, Vigo), no artigo “Marlon de Azambuja: La arquitectura a través del habitar y el desplazamiento” aborda o jovem escultor brasileiro e os seus projetos como *brutalismo* (2014) que coloca dentro da galeria sugestões arquitetónicas através de contextos e materiais reposicionados, e

evidenciando um desfasamento essencial entre os homens e as suas organizações discursivas modernas.

No artigo “Del territorio al vecindario a través de la fotografía: paisaje, comunidad y redes sociales en la obra *O, 13-14* de Pere Grimau,” Mar Redondo & Pere Freixa (Espanha, Barcelona) centram o debate na proposta de Grimau de fazer uma foto da cidade de Olesa, por dia, e publicá-la na rede social, no projeto “*O, 13-14*”. Privilegiam-se os não lugares, as relações inesperadas.

Katia Prates (Brasil, Rio Grande do Sul), no texto “O privado na paisagem urbana: algumas fotografias de Elaine Tedesco” aborda a série “guaritas,” desta autora, onde se visitam os habitáculos dos vigilantes de rua que pontuam as cidades brasileiras: dispositivos de um panóptico caótico e pós moderno.

As “Fotomicrografias de la emoción: La mirada científica de lo cotidiano en la obra de Sasha R. Gregor,” trazidas por Ricardo Guixà Frutos (Espanha, Barcelona) apresentam uma exploração plástica e fotográfica das escalas, focando uma incursão do artista nos instrumentos científicos, fazendo fotografias de mundos quase fractais.

Lincoln Guimarães Dias (Brasil, Espírito Santo), no artigo “Julio Schmidt e o estatuto das aparências” debate a proposta de Schmidt de tomar as infraestruturas domésticas, interruptores, caixas de derivação, caixas vazias depois de suas tampas serem retirados, ou ralos e vazadouros. A pintura procura as suas interrupções: a sala da galeria parece vazia, embora cheia de pinturas.

O artigo “Visibilizar lo invisible,” de María Castellanos Vicente (Espanha, Vigo), debruça-se sobre obras vestíveis “wearables” de Ricardo O’Nascimento. As suas plumas hipersensíveis reagem à radiação dos telefones móveis, tornando a comunicação invisível em gestos.

M. Montserrat López (Espanha, Barcelona), no artigo “‘Pretty Ribbons’ de Donigam Cumming y ‘Cárcel de los sueños’ por Vida Yovanovich: dos versiones sobre la vejez” interroga a velhice através da obra de dois fotógrafos, Cumming e Yovanovich. As antecâmaras da morte, as despedidas do corpo, constituem uma interrogação permanente sobre a identidade e a continuidade.

O artigo “Adentrando os poros abertos de Cláudia Paim,” por Ana Maio (Brasil, Rio Grande do Sul), apresenta três performances de Paim, “Carta” (2007) “Amálgama” (2013) e “Fluoxetina”. Na primeira, a carta ao pai, de Kafka é lida em continuidade e em incontinência literal. Na segunda o corpo é camuflado na paisagem, em busca de temperaturas e sussurros. Na terceira a saliva é usada como meio de comunicação térmico e corporal. Em todas a interrogação dos fluídos do corpo, em oposição às palavras.

Os autores Marcos Aulicino & Ronaldo Oliveira (Brasil, Paraná), no texto "Rosana Paulino: Fluxos e Assentamentos" abordam questões de género e raça no trabalho de Rosana, sobre imagens etnográficas do século XIX, que nos interpelam enquanto objetos.

O texto "Ilha errante: um ensaio sobre 'Herança' de Thiago Rocha Pitta," por Lilian Soares (Brasil, Rio de Janeiro), apresenta a obra em vídeo de Pitta que interroga o território, a vastidão, a descoberta, a sua herança, que de algum modo reinterpreta uma relação com o Brasil.

Ainda sobre o tema da memória, Thaís Gonçalves (Brasil, em doutoramento em dança em Lisboa), no artigo "Sensorimemórias: sensorialidades como matéria de criação em dança" aborda "Peças curtas para esquecer," *da Companhia Perdida* (São Paulo), *dirigida pela coreógrafa brasileira Juliana Moraes*. Na linha iniciada por Hélio Oiticica e Lygia Clark, investigam-se estados sensoriais, intensidades corporais.

O artigo "Obstruir la mirada: la observación en el cine de Laida Lertxundi: Utskor: Either/Or," de Rita Sixto (Espanha, Bilbao) debruça-se sobre o vídeo de Lertxundi, onde o filme é observado por dentro, ao mesmo tempo que nos permite observar a paisagem da Noruega.

Marta Aguilar (Espanha, Madrid), no texto "[DF]_códigos de actuación" dá-nos a conhecer o projeto da galeria "dentro fora" ("[DF]"), formado ao início por Antonio Areán e Julio Jara, um espaço de intervenção localizado "por trás" que integra a circunscrição dos desperdícios dos circuitos institucionais, provocando performances de situação e de materiais, e questionando os conceitos de proximidade e de intermediação.

"Delineando Narrativas Visuais A/r/tográficas em Marcos Martins," por Flávia Pedrosa Vasconcelos (Brasil, Bahia), procura inserir a obra e intervenções de Marcos Martins na sua participação como professor de arte e de desenho.

María Guillermina Valent (Argentina, La Plata) no artigo "La huella como andamio para una poética de la ausencia: una mirada a través de la obra de Graciela Sacco," aborda a obra desta artista argentina que utiliza frágeis projeções sobre suportes transparentes para só assim tornar visíveis imagens de manifestações e de contestações.

O artigo "Vazadores: um dispositivo de ruptura estética," por Beatriz Rauscher (Brasil, Rio Grande do Sul), debruça-se sobre a instalação de Rubens Mano instalada na bienal de São Paulo em 2002 e que provocou um debate sobre o acesso livre à arte, tendo decerto contribuído para que o acesso à bienal seja atualmente livre.

Luis Ángel López (Espanha, Granada), no texto "La experiencia expositiva como medio para superar una fobia en la obra de Visi Ortega" apresenta

a performance e a instalação desta artista que toma como tema a aciuofobia.

Em “‘Devotionalia’ e a violência no Rio de Janeiro,” por Rafael Pagatini (Brasil, Espírito Santo), a obra dos artistas Maurício Dias & Walter Riedweg assume o tema da violência urbana contra as crianças do Rio de Janeiro através de um conjunto de ex-votos sociais.

Henrique Nunes Teixeira (Brasil, Minas Gerais), no artigo “Expedição Ephifenomênica África: fotografias de Gustavo Jardim,” utiliza a fotografia da fotografia, para motivar uma sequência imaginária e sempre epidérmica, ou ficcional, sobre as representações *google maps* de África.

O artigo “Apropiaciones e intertextualidades en las instalaciones de Cristina Planas” de Mihaela Radulescu de Barrio & Rosa Gonzales (Perú, Lima) analisa a obra de Planas, instalações vibrantes e festivas onde o tom iconoclasta associa o humor à convenção da representação iconográfica, e o barroco se funde em ambientes festivos e comerciais, de sedução colorida.

O texto “Bill Viola, o tempo em suspensão,” de Angela Grandó (Brasil, Espírito Santo), revisita a dimensão metalinguística do trabalho em vídeo daquele autor, pesquisando algumas das suas referências.

Reginaldo Tavares (Brasil, Rio Grande do Sul), no artigo “O tempo e a mulher,” apresenta uma perspectiva da obra gráfica de Angela Pohlmann, que toma como referente o corpo feminino.

O artigo “Eduardo Salavisa: um Desenhador do Quotidiano” por Shakil Rahim (Portugal, Lisboa) toma o diário de viagem à cidade de Braga, Portugal, como um pretexto para pesquisar os posicionamentos de Salavisa em relação ao desenho e às suas potencialidades.

No capítulo de artigos originais por convite, Orlando Maneschy (Brasil, Pará), no texto “Paula Sampaio e a ética nos caminhos” introduz esta fotografia que interroga o sujeito inserido na paisagem e concretiza o espaço ferido entre a realidade e os sonhos, no contexto da vegetação acesa do Pará (Amazônia).

Os artigos reunidos neste quinto número da Revista CROMA propõem, no seu conjunto uma intenção de proximidade, de confronto com realidades, de inconformismo, de procura e de questionamento identitário. Dos seus múltiplos países e das suas diversificadas abordagens a variadas técnicas, os vinte e cinco artigos aqui apresentados complementam o poder do desassossego e da inquietação poética: os artistas falam connosco, através de outros artistas, que os souberam ver e ouvir.

Referências

Bourriaud, Nicolas (1998) *L'esthétique relationnelle*. Dijon: Les Presses du réel.

ISBN 2-84066-030-X.
Freire, Paulo (1975) *Pedagogia do oprimido*.
Porto: Afrontamento.